

## Historiografia linguística portuguesa: o contributo do século XVII

Maria do Céu Fonseca  
Universidade de Évora

Recorde-se o passo da obra *A Visita das Fontes* em que D. Francisco Manuel de Melo, depois de caricaturar a figura do purista gramatical, invoca as autoridades que por excepção se destacam:

**Fonte Velha** – Não tivemos outros<sup>1</sup> famosos gramáticos entre nossa nação?

**Apolo** – Sim, tivestes, como o insigne historiador João de Barros, que compôs dela hũa *Arte de Gramática Portuguesa*, de poucos conhecida, e anda junta ao seu livro de *Viciosa Vergonha*, também de poucos visto. O mesmo o vosso bispo Osório, Cardoso, Barbosa, Amaro de Reboredo, João Nunes Freire e outros vocabulistas, aos quais avantaça o presente autor das *Prosódias*, com justa razão celebrado (Melo, 1962 [1721]: 325).

Escrito o presente apólogo dialogal em 1657, os “famosos gramáticos” invocados são, quer personalidades da época, quer algumas da tradição mais próxima. Assim, no domínio da gramática latina, os nomes de Manuel Álvares e de João Nunes Freire, este já da geração dos chamados ‘alvaristas’, têm destaque merecido, ou não fosse o nosso século XVII um momento de excelência no número de edições da obra do mestre jesuíta, e no surto dos seus comentadores

---

<sup>1</sup> Já fora posto em relevo pela personagem **Apolo** – a voz da sabedoria – o nome do Pe. Manuel Álvares, “mestre e autor da *Gramática Latina e Portuguesa*, em que foi tão subido que pela sua *Arte Nova*, que compôs reformando as antigas de Espautério e outros caducos, se ensina hoje a gramática em Itália” (Melo, 1962: 323).

e glosadores<sup>2</sup>; no campo da gramaticografia portuguesa, concorrem João de Barros e o seiscentista Amaro de Roboredo, honrosas menções condignas ao merecimento; finalmente a lista de D. Francisco Manuel de Melo consagra Agostinho Barbosa e o Autor da *Prosodia*, Bento Pereira, como nomes maiores da lexicografia pós-cardosiana (cf. Verdelho, 1995). Trata-se, como salta à vista, de um elenco que visa à consagração<sup>3</sup>. De todo este escol, pode bem dizer-se que D. Francisco Manuel de Melo estava devidamente informado e consciente do seu papel no palco da renovação gramatical. Ao lado de ilustres contemporâneos, têm lugar figuras de vulto da gramática renascentista, que agenciaram a modernização da língua portuguesa.

Homenageando hoje a Autora de consagrados estudos deste período – a Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Helena Paiva –, seja-nos permitido chamar a terreiro o contributo de alguns daqueles ilustres contemporâneos de D. Francisco Manuel de Melo para uma reflexão sobre a nossa historiografia linguística.

\*

É significativo o caso de, em 1637, René Descartes ter apresentado a público a sua obra *Discurso do Método* redigida em língua francesa. Esta opção pelo idioma materno em obra de natureza científico-filosófica, quando era ainda em latim, base da cultura humanística, que se garantia a circulação de tais textos pelos homens cultos da época, não lhe dispensou, talvez por isso mesmo, uma justificação dirigida às duas orientações da inteligência da época, que se podem personificar em os partidários do latim e os leitores de línguas nacionais. Na sexta e última parte do *Discurso*, esclarece Descartes que:

“Se escrevo em francês, língua do meu país, e não em latim, que é a dos meus preceptores, é porque espero que aqueles que apenas se servem da sua razão natural inteiramente pura julgarão melhor as minhas opiniões que os que não acreditam senão nos livros antigos. E quanto aos que aliam o bom senso ao estudo, os únicos que desejo para meus juizes, não serão tão fanáticos pelo latim que recusem ouvir as minhas razões só porque as explico em língua vulgar” (1990 [1937]: 61).

---

<sup>2</sup> Segundo o já clássico estudo de Emilio Springhetti, o século XVIII soma globalmente maior número de edições da gramática do Pe. Manuel Álvares, mas, em Portugal, foi o século XVII que atingiu esse pico quantitativo: 13 edições contra 3 e 9 nas centúrias de Quinhentos e Setecentos, respectivamente (Springhetti, 1960-61: 304).

<sup>3</sup> Deixa-se de lado o nome do humanista português D. Jerónimo Osório, por parecer desfasada a sua menção em elenco de gramáticos.

Tratando-se esta de uma obra que tanto impacto teve no rumo das ciências, em geral, e no pensamento gramatical da Escola de Port-Royal, em particular, há-de reconhecer-se então alcançado o triunfo das línguas modernas como línguas de ciência, ganha a batalha da ineloquência do vulgar. A opção linguística do filósofo francês, mesmo que descomprometida do debate da emulação das línguas (nem este, nem qualquer outro assunto sobre a linguagem ocuparam Descartes), vale como índice de um pensamento que pretendia romper com a cultura livresca de moldura medieval para se sustentar na crença da “razão natural inteiramente pura”, considerada a instância mais válida para comprovar esse legado dos antigos. Este desapego pela autoridade exclusiva dos autores da Antiguidade, correlato de um sistema de valores assente na razão – ideia que não era nova –, foi algo partilhado pelos gramáticos da época. A *ratio* do passado recente reaparece por meio da investigação do ‘método’ para bem conduzir a razão na busca da verdade. Tal método, tão firme quanto o das ciências exactas, permitiria chegar a formulações igualmente incontroversas noutros ramos do saber e do pensamento. No que toca à ciência gramatical, os seus princípios metódicos vêm sugeridos em aposto do título de uma das obras de Port-Royal: “Grammaire générale et raisonnée *contenant* les fondements de l’art de parler, expliqués d’une manière claire et naturelle; les raisons de ce qui est commun à toutes les langues, et des principales différences qui s’y rencontrent” (Arnauld e Lancelot, 1660; Cf. ed. de Jean-Marc Mandosio [1997]), onde se reconhece a mesma preocupação pelo rigor demonstrativo que moveu Descartes a procurar um sistema universal do saber, sob inspiração do formalismo das deduções matemáticas<sup>4</sup>. Daí que a ciência gramatical dos séculos XVII e sobretudo XVIII não tenha ficado imune ao influxo da investigação filosófica cartesiana, que concorreu para o programa das chamadas “gramáticas cartesianas” ou “gramáticas filosóficas” e “gramáticas gerais”. A descontinuidade deste momento está amplamente reconhecida por historiadores que detectam uma mudança epistemológica na passagem da gramática renascentista para a época das gramáticas gerais, inaugurada pela *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal*, em 1660 (cf. Belo, 1991: 465 e ss.).

---

<sup>4</sup> Os princípios do raciocínio cartesiano, que, como se sabe, tem por base a filosófica dúvida metódica, são baseados na articulação das *regra da evidência*, *regra da análise*, *regra da síntese* e *regra da enumeração*. A sua aplicação no estudo da língua passa por um método de investigação e exposição que segue a ordem analítica do demonstrar, do mais específico para o mais genérico, garantindo-se sempre a validade dos princípios gramaticais com a observação de exemplos autorizados, até chegar a certas regras gerais de funcionamento das línguas.

É certo que nem tudo se encontra marcado pelo cunho da originalidade nesta obra de Port-Royal. Se a tese de Noam Chomsky em fazer da “linguística cartesiana” portroyalina um antepassado da sua gramática generativa (cf. Chomsky, 1969) suscitou tão acesa polémica<sup>5</sup>, tal deveu-se, em grande parte, ao facto de a própria herança de Port-Royal ser, ela mesma, tributária de longa tradição do gramaticalismo ocidental. O “encontro entre Chomsky e Descartes” (Duarte, 1998: 552), além de ocasião para o discutido parentesco gramatical de conceitos modernos, tais o de inatismo e criatividade, foi também ponto de confluência de outros antecedentes gramaticais. Quando os *messieurs* de Port-Royal – o gramático C. Lancelot e o lógico A. Arnauld – defendem a ideia de racionalismo gramatical ou o princípio de regras comuns e universais a todas as línguas, a sua teoria não é apenas de inspiração cartesiana, mas também a síntese fecunda de duas influências maiores. A mais directa veio do humanismo gramatical, representado por novas gramáticas latinas assentes em pressupostos racionalistas, e que teve um expoente maior em Francisco Sánchez de las Brozas; mais recuada no tempo, a doutrina medieval dos baptizados modistas, com as suas investigações sobre os ‘modos de significação’ das categorias gramaticais, forneceu a Port-Royal os fundamentos da universalidade, uma vez elaborada na base filosófica do paralelismo entre a linguagem e a lógica da mente humana. Assim, conceitos linguísticos e respectivas abordagens da *Grammaire*, aparecendo filtrados pelo racionalismo da filosofia de Descartes, são também largamente tributários, quer da corrente, dita especulativa, dos modistas, quer da obra do gramático espanhol<sup>6</sup>. É por estas duas vias que na primeira metade de Seiscentos se anuncia o quadro epistémico da gramática geral, em ritmo de antecipação das inovações francesas de Port-Royal. Como novidade adiantada, agenciaram os primeiros gramáticos de Seiscentos a modernização da gramática geral e universal, a caminho das reformas de além-Pirinéus.

---

<sup>5</sup> Duas das réplicas mais violentas à obra *Cartesian Linguistics* de Chomsky vieram de André Joly (1977: 165-199) e, entre nós, de José G. Herculano de Carvalho (1984).

<sup>6</sup> Sobre a dívida dos gramáticos portugueses seiscentistas para com o Autor da *Minerva, seu de causis linguae latinae* (1587), veja-se o estudo de Ponce de León, 2002. Lugar de destaque atribui-lhe Amaro de Roboredo no conjunto de fontes citadas, lugar de que partilha também, pela mesma atitude renovadora, Antonio de Nebrija: “Quando Nebrinssense saio com a sua [Arte] fugio de Salamanca (...), polo não apedrejarem. Não erão passados cem annos quando Brocense saindo com a sua fora do caminho ordinario na mesma Vniversidade correo seu risco. Duas luzes foram estes autores nesta arte as melhores de sua idade, e de todas as atrasadas. Consumio o tempo a ignorancia apaixonada; e introduzio o uso a razão considerada. A arte do primeiro se recebeu em Espanha; e com a do segundo se reformou pera toda ella” (Roboredo, 1625: *Prologo*, 1r).

Entre nós, ressalta o cariz francamente inovador do *Methodo grammatical para todas as lingvas* (Lisboa, 1619), de Amaro de Roboredo, e dos próprios “métodos de ensino” que põe em prática na sua *Grammatica latina*<sup>7</sup> (Lisboa, 1625), obras que, como afirma o próprio Autor, saíram “fora da strada de todos os outros [métodos], a qual se sempre seguirmos nunca nos melhoraremos” (Roboredo, 2002 [1619]: a2 verso). A crítica vai direita à jugular. ‘Sequazes dos latinos’, ‘supostos contrapontistas em artes superiores’, ‘aqueles que ainda porfiam que as gramáticas se hão-se escrever em latim’ (*Id., ib.:* a2-a3) são reputados de nocivos às novas orientações da aprendizagem do português em paralelo com a língua de Cícero, e desta por outros métodos que não os do sistema alvarístico. Uma gramática seiscentista que se anuncia desde o título ‘para todas as línguas’, dá boas razões para invocar os epítetos *geral*, *racional*, *universal* que foram adquirindo as gramáticas a partir de Port-Royal, primeiro em França e só no dobrar do século XVIII, de modo consistente, em Portugal<sup>8</sup> e na vizinha Espanha (cf. Gómez Asencio, 1981: 23 e ss.). O caminho da confrontação das línguas modernas, aliado à reforma da gramática latina, é o ponto de partida para o gramático conceber regras particulares de cada língua e certos princípios gerais (universais) ou explicações lógicas que sejam válidas para todas as línguas. Afirmações como as seguintes explicitam tal intento:

“Foramos certamente collegindo per esta ordem a differença, & conveniencia natural das linguas. (...) Porque acho grande confusão nas artes, ou Syntaxes, que teem misturado, o que he particular de hũa lingua, com o que he commum a muitas, ou a todas” (Roboredo, 2002 [1619]: b verso-b2);  
 “Pretêdia q̃ fosse este Methodo vniversal (...). Ordenei poucos preceitos (...). E muitos delles são vniuersaes” (*Id., ib.:* b4);

<sup>7</sup> À reforma da gramática latina associou-se o seu estudo segundo um plano que Amaro de Roboredo traçou sob o nome de “metodo da Natureza” e “metodo de Doutrina”. Além do recurso ao português como metalíngua da descrição, o método está configurado na direcção do registo de usos à sistematização das regras: “ao discipulo convem primeiro subir assi das partes ao todo, isto he, dos exemplos para as regras, a q̃ chamão metodo da Natureza; e ao Mestre convem o descer desse todo para suas partes, isto he, da regra para os exemplos, a que chamão metodo de Doutrina. E porque as partes são primeiro q̃ o todo, e o homem primeiro he discipulo q̃ Mestre, primeiro se há de dar a hũ minino a sua arte para subir q̃ a do Mestre para descer” (Roboredo, 1625: *Prologo*, 2r).

<sup>8</sup> São exemplos paradigmáticos as gramáticas filosóficas de Melo Bacelar (*Gramática filosófica da língua portuguesa*, Lisboa, 1783), Couto e Melo (*Gramática filosófica da linguagem portugueza*, Lisboa, 1818) e Soares Barbosa (*Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*, Lisboa, 1822).

“Podese facilmente ensinar este Methodo nas mais linguas, *mutatis mutandis*, assi como na Latina, em que vai exêplificado” (*Id., ib.:* c2);

“E o que mais podia estimar he ficar com principios commũs para saber facilmente outras linguas” (*Id., ib.:* c4 verso).

O desejo de encontrar axiomas ou constantes a que obedecessem todas as línguas, tem por base, quer a atitude de racionalizar a gramática, quer o estabelecimento de um paralelismo entre a linguagem e o pensamento, que o mesmo é dizer, explicar as estruturas linguísticas a partir de categorias lógicas universais:

“a Grammatica depende da razão, que a natureza vai pelo tempo descobrindo aos bõs ingenhos, que sobre ella trabalho” (*Id., ib.:* b);

“ a arte como depende da razão, melhorandose a razão se pode melhorar a arte sem prejudicar” (Roboredo, 1625: *Prologo*, 1r);

“Nella [*Grammatica latina*] achará o Mestre regras novas: porem mui ajustadas com a razão” (*Id., ib.:* *Prologo*, 3r).

Salta à vista, como nota maior, um pensamento gramatical forrageado nas duas correntes acima referidas, a gramática especulativa dos modistas e o novo fôlego que os gramáticos renascentistas incutiram à *ratio* aristotélica. À concepção dos modistas de que a estrutura gramatical é uma constante da estrutura lógica do entendimento, Amaro de Roboredo associou o primado da *ratio* renascentista, haurida em Júlio César Escalígero (*De causis linguae latinae*, 1540) e Francisco Sánchez (*Minerva, seu de causis linguae latinae*, 1587). Os primeiros forneceram-lhe o fundamento da universalidade, porque sendo a língua o reflexo do pensamento lógico, existiram supostamente categorias comuns ao pensamento humano verificáveis em todos os idiomas<sup>9</sup>; e os segundos a natureza científica da gramática, ou da gramática universal, discutidas e ensinadas as suas grandes regras gerais, que são as *causas* subjacentes à organização linguística<sup>10</sup>. Siste-

---

<sup>9</sup> “La grammaire est universelle, parce que ce qui la définit, ses principes, son sujet, sa méthode sont les mêmes partout. Sa méthode (...) est partout une méthode démonstrative; son sujet est partout l’expression d’un concept mental composé. Ses principes sont les mêmes chez tous, parce qu’ils ont leur origine dans les choses, qui sont les mêmes partout” (Rosier, 1983 : 36).

<sup>10</sup> “Si no investigas las causas y razones del arte que practicas, ves, créeme, con ojos ajenos y oyes con oídos ajenos. Por otro lado, de muchos se ha apoderado una perversa opinión o, mejor, una barbarie: que en la gramática y en la lengua latina no hay causas ni razón que buscar. (...) Escucha a los filósofos, que insisten que no hay nada sin causa. Escucha a Platón, quien afirma que los nombres y las palabras tienen una base natural, quien pretende que la lengua se basa en la naturaleza” (Sánchez, 1995 [1587]: 39).

matizar essas causas lógicas da estrutura gramatical numa língua moderna – o português, cujo estudo prioritário era correlato de um ensino gramatical equacionado em moldes de método – foi o desafio que o gramático seiscentista enfrentou, recorrendo a diversas estratégias de descrição da língua. Sirvam aqui de amostragem as seguintes:

- A descrição gramatical contrastiva, privilegiado o latim, mas tentando o gramático ampliá-la às línguas modernas.

A este respeito, note-se que o edifício universalista do *Methodo grammatical para todas as lingvas* não tem, de facto, bases empíricas, como também a *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal* não pode considerar-se o equivalente sintáctico e morfológico do léxico de Calepino. Não obstante os propósitos *bona fide* do Autor ao revelar “inquiri as regras pela natureza dos significados, ainda nas linguas que não sei” (2002 [1619]: b4), só o português e o latim (esporadicamente, também o grego e o hebraico, línguas clássicas, em todo o caso) servem de referência para esta gramática geral e para o esboço do comparativismo que ela sugere<sup>11</sup>. Quanto às línguas modernas, a atracção exercida pelo castelhano é notória na prática lexicográfica de Amaro de Roboredo<sup>12</sup>.

- A observação de dois níveis de descrição gramatical, particular e geral/universal.

Um dos livros que compõe o *Methodo grammatical para todas as lingvas* é dedicado à “Vniversal explicação resolutiva, & compositiva das partes da Oração exemplificada na lingua Latina” (2002 [1619]: 64-78) e acerca dele esclarece o Autor que os princípios universais aí observados “segundo hũa accomodada applicação se acharão certos em todas as linguas” (*Id., ib.:* c2). Tais princípios gerais respeitam a categorias que se observam por contraste entre as “linguas vulgares” e as “linguas scholasticas”. Segue-se a descrição de aspectos morfológicos, como as classes de palavras, e sintácticos, como os sistemas casual e preposicional, que a análise contrastiva vai evidenciando serem processos gerais de funcionamento das línguas. Trata-se, portanto, de uma

---

<sup>11</sup> Talvez tenha sido esta autoridade do latim, enquanto modelo de organização de todas as línguas, que esteve na base do racionalismo gramatical, conforme nota Lia Formigari: “It is perhaps worth noting that all the great Renaissance grammars claiming to be investigations of the ‘causes’, i. e. of the intrinsic rationality and consistency of languages (such as Scaliger’s *De causis linguae latinae* and Sanctius’ *Minerva*) were in fact Latin grammars. Only by virtue of this self-imposed limit, could Scaliger, for instance, claim the title of science for his grammar” (1988: 46).

<sup>12</sup> Vd. as obras *Raizes da lingua latina* (Lisboa, 1621) e *Porta de lingvas* (Lisboa, 1623).

exposição de características universais das línguas vulgares, feita a partir da observação contrastiva com o latim.

• O propósito predominantemente pedagógico e a ele adstrito o ensino do vernáculo, propedêutico do de latim.

Afirmar-se, como fez Verney, ter sido “no século passado [isto é, século XVII], que ressuscitou este método de ensinar a Gramática da própria língua” (1949 [1746]: I, 32) é, sem dúvida, generosa concessão à sanha antijesuítica, uma vez que, no século em apreço, retardou ainda entre nós a actividade dos gramáticos do português (cf. Verdelho, 1995: 21). Nem as reformas de Amaro de Roboredo, que, no dizer do latinista J. V. Gomes de Moura, “erão (...) tão attendidas como os vaticínios de Cassandra” (1823: 354), nem o movimento das ideias linguísticas dos mestres de Port-Royal, que levou o seu tempo a manifestar-se<sup>13</sup>, lograram aumentar o número de títulos relativos à gramática portuguesa. Enquanto as reflexões teóricas sobre o português são em grande parte accionadas pelas apologias linguísticas, e houve várias<sup>14</sup>, só as experiências gramaticais de Amaro de Roboredo pontuam o espaço quase ermo da gramatocografia portuguesa, sobretudo se comparado com o campo de ensaio gramatical de outras línguas europeias. Da própria Espanha, apesar da vizinhança geográfica e cultural, não foi aproveitado o exemplo da significativa codificação gramatical do castelhano, assinada por autores nacionais<sup>15</sup>. Em contraste com as poucas gramáticas do vernáculo, note-se que, para além das obras directamente associadas à gramática latina do Pe. Manuel Álvares, saíram dos prelos, em primeira ou mais tiragens, compêndios gramaticais latinos dos seiscentistas Amaro de Roboredo, Domingos de Araújo, Pedro Sanches de Paredes, João de Castello-Branco e Frutuoso Pereira, todos esses compêndios, acrescente-se, escritos em português. Esta tendência para uma maior utilização da língua portuguesa na

---

<sup>13</sup> Note-se que os primeiros de Port-Royal ouvem-se, de forma ainda esbatida, em *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* (Lisboa, 1721), de Jerónimo Contador de Argote, e, já com maior volume de som, em *Arte da grammatica da lingua portugueza* (Lisboa, 1770), de António José dos Reis Lobato.

<sup>14</sup> Da fieira dos apologistas, destaque-se Manuel Severim de Faria com o discurso *Das partes que há-de haver na lingoagem para ser perfeita, e como a Portuguesa as tem todas e algũas com eminência de outras lingoas* (Évora, 1624).

<sup>15</sup> Refiram-se, como fundamentais, B. Jiménez Patón (*Instituciones de la gramatica española*, Baeza, 1614), Gonzalo Correas (*Arte de la lengua española castellana*, Salamanca, 1625) e o jesuíta Juan Villar (*Arte de la lengua española*, Valência, 1615). Apesar das diferentes trajetórias que cada um seguiu, dada a visão essencialmente prescritiva e normativa do último, e apesar da desigual fortuna do seu labor, já que a obra do primeiro é simples opúsculo, sem a sistematicidade do tratado de Gonzalo Correas, o pensamento gramatical dos três Autores insere-se no veio aberto pela obra do Brocense.



gramaticografia latina de Seiscentos deverá relacionar-se com as estratégias de simplificação gramatical, que começaram a pautar o ensino da língua desde o fim do século XVI, por influência das obras do francês Pierre de la Ramée e do espanhol Francisco Sanchez. Em Portugal, diversos gramáticos latinos de Seiscentos, como os citados Domingos de Araújo e Frutuoso Pereira, procederam segundo tais coordenadas na fixação das suas gramáticas latinas<sup>16</sup>. Mas coube primeiro a Amaro de Roboredo expô-las doutrinalmente nos longos prólogos dos seus *Methodo grammatical para todas as lingvas* e *Grammatica latina*. Manifestos de doutrina gramatical e textos de vincada originalidade no domínio da reflexão linguística, as diversas etapas da didáctica da língua (cf. 1625: “Advertencia do exercicio desta arte”) e a própria estrutura do manual de ensino têm aí o seu regimento. Ao propor um ensino gramatical por etapas progressivas, do simples para o complexo, e executar na análise sintáctica o programa de uma descrição pormenorizada e faseada dos factos da cadeia falada, em vista das regras gerais, o Autor manifesta a tónica da sistematização/simplificação gramatical, que passou a ser um traço metodológico inconfundível de afinidade entre as gramáticas da época.

Outra coisa é ainda de notar. Com todo este conjunto de reformas no ensino da língua, o humanismo dos Descobrimentos adquiriu nova feição ao dar de si a substituição da autoridade do idioma clássico pelas exigências da campanha expansionista relativamente ao uso do vulgar. Inversão de agulhagem na consciência de que os feitos da expansão ultramarina deveriam ter reciprocidade, quer na primazia do idioma pátrio sobre o latino, quer na defesa das línguas das terras descobertas, de que foi expressão a tradução parcial de *De institvione grammatica libri tres* para japonês, na viragem do século XVI<sup>17</sup>. Sabe-se como os gramáticos renascentistas secundaram o impulso das medidas de D. Manuel em favor do ensino do português, que, logo no limiar do século, foi levado para África e para a Ásia, antes de chegar à América. Fernão de Oliveira e João de Barros participaram do programa das ‘línguas companheiras do império’, no trabalho de normatização do português e codificação do seu uso; mas a militância na defesa dos vernáculos assumiram-na os gramáticos seiscentistas ao serviço

---

<sup>16</sup> Vejam-se, nomeadamente, os prólogos das seguintes obras: *Grammatica latina. Novamente ordenada, e conuertida em portugues pera menos trabalho dos que começã aprender* (Lisboa, 1627), de Domingos de Araújo, e *Arte de gramatica, latina, portugueza, benedictina* (Lisboa, 1652), de Frutuoso Pereira.

<sup>17</sup> Manuel Álvares, *De institvione grammatica libri tres. Coniugationibus accessit interpretatio Iapponica*, Collegio Amacvensi Societatis Iesv, 1594.

das novas realidades linguísticas que dimanavam dos Descobrimentos. A comparação com aquele ideário da cruzada linguística revela um diferencial evidente de problemas. Onde a hegemonia renascentista da máxima nebrijense foi de proveito à gramaticalização dos vernáculos, já em fase mais avançada da expansão seria o império a beneficiar do acolhimento favorável às realidades linguísticas extra-europeias. Onde uns assimilaram os ideais de expansionismo linguístico, outros reconheceram que, para melhor defesa desse interesse, a exposição gramatical havia de passar pelo caminho das línguas nativas. O argumento épico de que a língua é instrumento do império sofreu a intermediação do processo de aprendizagem das línguas de territórios do Oriente e do Ocidente como medida profiláctica de instaurar a comunicação para depois melhor se exercer o magistério. E daí o desembaraço com que missionários franciscanos e sobretudo jesuítas, agentes de ensino, fizeram da gramática latina o modelo das suas descrições gramaticais de línguas estranhas ao paradigma greco-latino e mesmo à família indo-europeia. Este novo programa gramatical anunciou-o Amaro de Roboredo em resposta ao tópico da “conservação, & dilatação de Fee, & Imperio”:

“A terceira commodidade [do *Methodo*] he ajuda da conservação, & dilatação de Fee, & Imperio. Porque reduzindo a lingua dos Barbaros, que se vão conquistando, ao mesmo Methodo para os domesticar: & comunicãdolhes pelo mesmo a nossa, facilmete se irão introduzindo apos a lingua as leis; & sobre as leis os costumes, q̃ per menos tempo aborreçerão; & sobretudo a doutrina Christã, q̃ mais importa” (Roboredo, 2002 [1619]: a4 verso).

‘Reduzir a língua dos bárbaros que se vão conquistando a método gramatical’ significa poderem os idiomas de reinos extra-europeus receber a denominação de *línguas gramaticais* (categoria reservada às línguas cultas), marca de marginalidade no contexto da gramaticalização do nosso vernáculo, e também de originalidade numa perspectiva de relação emulativa com o português e o latim. Em lugar do desarreigo de tais línguas nativas, por força de outras tendências linguísticas hegemónicas, passa-se-lhes a ser conferida importância (também ao sabor da maré proteccionista do poder político), distinção qualitativa e individualidade que era preciso regular e ilustrar através de um estudo contrastivo com o português e o latim. Erguido o estandarte da “língua dos Barbaros” em fase de expansão já consumada, como foi o século XVII, o processo humanístico de fixação dos vernáculos, mais do que companheiro do império, tornou-se um programa de acção para os idiomas exóticos (asiáticos, africanos e ameríndios),

doravante e até ao final da centúria na dianteira dos estudos gramaticais. Que os gramáticos seiscentistas houvessem assimilado a sugestão do espaço linguístico ultra-europeu e a problemática do confronto interlinguístico por ele destilada, não é estranho, nem surpreende a sua ampla vivência linguística na emergência de uma gramaticografia de idiomas não europeus. Conquanto já viessem detrás abordagens de tipo lexicográfico de línguas da Índia, as ideias de universalidade e racionalismo gramaticais, que dominaram a experiência gramatical de Seiscentos, caucionaram uma atmosfera receptiva às novas realidades linguísticas e ao contacto de idiomas asiáticos e ameríndios com as línguas eruditas e europeias. Em 1595, a gramática do Pe. José de Anchieta<sup>18</sup> e o famoso dicionário trilingue *latino lvsitanicvm, ac iaponicvm*<sup>19</sup> abrem o fluxo das publicações, a partir daí consolidando-se o momento decisivo da elaboração de instrumentos pedagógicos destinados a fixar o uso de tais línguas, dispositivos de aprendizagem que foram os dicionários, gramáticas e catecismos ou doutrinas. Para melhor se avaliar da importância desta produção linguística, que começou na Índia antes de chegar ao Brasil, passe-se a um rápido inventário de algumas publicações dessa trilogia de textos seiscentistas, com breves apontamentos factológicos para distinguir o campo das acções empreendidas no Oriente e no Ocidente, dois espaços completamente diferenciados do ponto de vista linguístico, cultural e histórico. Chegados a terras de Vera Cruz, os gramáticos missionários levavam um saber de experiência feito em meio século de evangelização no Oriente, mas o mundo e a humanidade que encontraram eram novos. Outros factos não houvesse, como os elevados padrões civilizacionais do gentio do Oriente, ou o estabelecimento da imprensa em Goa em meados de Quinhentos, que o Brasil só conheceu três séculos depois, bastaria, para bem avaliar desse diferencial, atentar-se na babel que era o território linguístico do Brasil, o que, além de impedimento à conversão, obstava à fixação gramatical<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> *Arte de gramática da lingua mais usada na costa do Brasil*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1933 [1ª ed. 1595].

<sup>19</sup> Trata-se do *Dictionarivm latino lvsitanicvm, ac iaponicvm ex Ambrosii Calepini volumine depromptum* (Amacusa, 1595). Levado a cabo sob a invocação do nome de Ambrósio Calepini, foi o primeiro dicionário impresso em língua japonesa, onde são cotejados o latim e o português com uma língua local, cuja tradição escrita não alfabética era desconhecida. Sobre este dicionário, vd. Verdelho, 1995: 450-458.

<sup>20</sup> O assunto foi tema de prédica para Vieira: enquanto no “Japão, onde há cinquenta e três reinos (...) a língua, ainda que desconhecida, é uma só”; enquanto na “China, império vastíssimo, dividido em quinze províncias, capaz cada uma de muitos reinos (...), a língua, ainda que desconhecida, é também uma”; no “Maranhão, posto que não tenha nome de império, nem de reino”, os missionários “vêm pregar a gentes de tantas, tão diversas e tão incógnitas línguas, que só uma cousa se sabe delas, que é não terem número” (Vieira, 1959 [1674 -1748]: V, 413-414).

Comece-se pelo Oriente, onde, para além do tâmul e concani, o japonês prendeu a atenção dos gramáticos missionários até aos últimos anos da dinastia filipina (época em que o Japão se fechou ao contacto com Portugal), e depois também o anamita, a partir do meio do século, quando, estabelecidos os contactos comerciais com o reino da Cochinchina, os jesuítas se instalaram naquelas paragens.

- *Vocabvlario da lingoa de Iapam com a declaração em Portugues, feito por algvns Padres, e Irmaõs da Companhia de Iesv* (Nagasaqui, 1603).

Merece atenção este vocabulário, não apenas por ser o primeiro impresso da série de dicionários de línguas orientais, mas porque algumas reflexões dos textos prefaciais sobre a estratégia lexicográfica seguida e sobre a metodologia global adoptada na obra, assinalam um procedimento de rigor mais comum em obras da segunda metade do século.

- Do Pe. João Rodrigues são publicadas as duas célebres gramáticas de língua japonesa *Arte da lingoa de Iapam* (Nagasaqui, 1604) e *Arte breve da lingoa iapoa* (Amacau, 1620).

Embora presente o modelo da gramática latina, a *Arte breve* é normalmente destacada por uma originalidade em grande parte devida à síntese de duas tradições gramaticais diferentes, a latina e a japonesa, esta intimamente ligada à poética e à retórica. Sem alusões às partes da gramática, o Autor dividiu toda a informação gramatical em três livros, cujos assuntos menciona à abertura de cada um: o primeiro é de introdução ao estudo da gramática nipónica, sobre a ortografia e a prosódia, e, do lado das unidades significativas, vêm informações sobre a indeclinação dos nomes e a conjugação do complexo sistema verbal; o segundo livro, que trata de “Rudimenta, & partiçãõ das partes da oraçam, & da sintaxi breue pera começar a compor”, é dos três o mais sintético e também o mais tributário da gramática latina em termos de visão contrastiva; finalmente, a descrição gramatical do terceiro livro é estilística, isto é, compósita de regras morfológicas e figuras da textura sintáctica, em vista da sua aplicação normativa na arte epistolar e na escrita, em geral.

- *Dovtrina christam em lingoa bramana canarim* (Rachol, 1622), do Pe. Tomás Estevão.

Foi o primeiro catecismo concani publicado em Seiscentos, que Tomás Estevão traduziu de uma popular cartilha de doutrina cristã e ordenou em forma de diálogo “pera ensinar os mininos”. Esta obra figura a título de instrumento de ensino gramatical no “Cathalogo das Artes de Grammatica”, manuscrito do

século XVIII, cujo mérito da descoberta e divulgação cabe a Justino Mendes de Almeida.

- Também do vernáculo de Goa, *Vocabvlario da lingoa da terra (canarim), composto pello Pe. Dioguo Ribeiro da Comp<sup>a</sup> de Iesv*, manuscrito de 1626.

São vários os vocabulários manuscritos da língua concani, que se encontram em bibliotecas portuguesas e goenses. Destaca-se este de Diogo Ribeiro por ser o mais citado e o que maior número de cópias fez circular, provavelmente com títulos diferentes e nem sempre fáceis de distinguir entre si quando a autoria ou a direcção se escondem sob a designação genérica de “Padres da Companhia”.

- *Declaracam da dovtrina christam (...) composta em lingoa bramana vulgar pello Padre Diogo de Ribeiro* (Rachol, 1632).

Nesta obra, que segue o método expositivo (forma de diálogo) e o essencial da doutrina do catecismo de Tomás Estevão, podem ler-se os juízos que o jesuíta português emitiu sobre a adopção de vocábulos hindus para designar realidades do cristianismo, através de um processo de adaptação de significados.

- *Arte da lingoa canarim composta pelo Padre Thomaz Estevaõ da Compnhia de Iesv* (Rachol, 1640), reeditada em 1857, por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

Segundo se sabe, o concani foi o primeiro dos vernáculos da Índia a possuir uma gramática impressa no século XVII. Para além desta, relativa ao dialecto de Goa propriamente dito, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara fez sair em 1858 a *Grammatica da lingua concani no dialecto do Norte, composta no século XVII*. Em ambas as obras, o peso da tradição gramatical latina percebe-se logo nos termos com que tanto Tomás Estevão, como o autor anónimo da gramática do dialecto do Norte (menos afortunado editorialmente), abrem as gramáticas, reconhecendo explicitamente a sua divisão em três partes: a ortografia/prosódia, a etimologia e a sintaxe.

- *Dictionarivm annamiticvm lvsitanvm, et latinvm* (Roma, 1651).

Trata-se de um dicionário de anamita - português - latim, elaborado, segundo tudo leva a crer, pelo Pe. Gaspar de Amaral, embora publicado sob a autoria do jesuíta francês Alexandre de Rhodes. Ao que parece, a redacção da parte anamítica e da parte portuguesa coube, respectivamente, a Gaspar de Amaral e António Barbosa. Em momento posterior, terá sido acrescentada a tradução latina, da responsabilidade de Alexandre de Rhodes, segundo as informações do preâmbulo “Ad lectorem”, por si assinado.

- A um vinténio do fim do século e a fechar o rol das obras lexicográficas conhecidas, é publicado postumamente o *Vocabvlario tamvlico com a significacam portvgveza* (Malabar, 1679), de Antão de Proença.

A apresentação, justificação e metodologia da obra são expostas pelo Autor num texto prefacial dirigido “Ao leitor pio e zeloso”: “porque o vocabulario de hũa lingoa hê principal ajuda, pera consiguimento della” e porque “todos desejam o da lingoa tamulica”, dispôs-se o Autor a servir a “todos aquelles, que moudos do zelo da saluaçam das almas, se applicam a o estudo da lingoa talulica”.

Para concluir, algumas referências à actividade linguística no Ocidente.

• *Catecismo na lingoa brasilica, no qval se contem a svmma da doctrina christã. Com tudo o que pertence aos mysterios de nossa sancta fê & bõs costumes* (Lisboa, 1618), de António de Araújo, reeditado em 1686 por Bartolomeu de Leão.

Este catecismo tupi é encabeçado por “Advertencias pera a pronvnciaçam da lingoa conteuda neste liuro”, que depois o Pe. Bartolomeu de Leão ampliou numa descrição compósita de articulação de sons, regras ortográficas e traços fonéticos. Mais um exemplo do nítido aproveitamento gramatical deste diálogo de iniciação cristã é o facto de utilizar, como a grande maioria dos catecismos, o registo bilingue (língua indígena/português ou latim) na exposição dialogada, constituindo, desta feita, objecto de leccionação linguística e doutrinária das populações nativas, ao mesmo tempo que manual para o missionário estudioso da língua estrangeira.

• No âmbito da lexicografia, por várias que sejam as notícias de listas ou glossários de palavras das línguas indígenas, certeza só a da existência da relação *Nomes das partes do corpo humano, pella lingua do Brasil* (São Paulo, 1937 [manus. de 1613]), de Pero de Castilho, e do *Vocabulario na lingua brasilica* (São Paulo, 1938 [manus. de finais do século XVI]), de Leonardo do Vale.

Tem este a natureza de léxico global da língua brasílica, ordenado do português para o tupi, que se incluiria na categoria de dicionário geral, quantificando-se em 5.000/6.000 o número de entradas; o primeiro é um vocabulário temático, de escassas quatro centenas de entradas de nomes e locuções do campo semântico do corpo humano. Dado que a própria lexicografia é condicionada por elementos diferenciadores das línguas em confronto, instrumentos de trabalho como estes seriam os mais configuradores das novas realidades oferecidas ao homem europeu, no que toca à identificação dos referentes do mundo extralinguístico. Terão, assim, proliferado listas vocabulares, colecções e glossários de palavras, hoje desconhecidos se porventura existiram como vocabulários. Talvez por isso seja grande o desfasamento entre as informações que a esse respeito se colhem e o espaço vazio, só tardiamente pontuado, da

produção editorial, também em contraste evidente com a lexicografia da área espanhola, nomeadamente no que toca ao guarani.

- *Arte da lingva brasilica* (Lisboa, 1621), do Pe. Luís Figueira, reeditada em 1687 com o título *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Entre a primeira gramática do tupi, da autoria de José de Anchieta, e a congénere do alentejano Luís de Figueira, o intervalo cronológico de vinte e seis anos (ou mais se se considerar a circulação manuscrita daquela desde meados de Quinhentos), é igualmente mensurável em distância epistemológica. As diferenças quantitativas e qualitativas são as que separam a miscelânea gramatical da *arte* sistematizada conforme o modelo clássico do género. Enquanto o modelo de Anchieta foi o elenco de compêndios dos Pastrana, Nebrija, Estevão Cavaleiro, Jerónimo Cardoso, Despautério (para só citar alguns de entre os maiores), que ocuparam o espaço escolar português da primeira metade do século XVI (cf. Verdelho, 1995: 55 e ss.), os gramáticos missionários da era seguinte escreveram tendo à vista ou na memória aquela corrente humanística e, por outro lado, a geração de textos gramaticais do último meio de Quinhentos, “que elaboraram a síntese de uma intensa actividade gramaticográfica e de uma considerável experiência escolar” (Verdelho, 1995: 79).

- De línguas africanas, cujos primeiros textos e gramáticas apareceram no século XVII, conhecem-se as seguintes obras, utilizadas na alfabetização dos escravos negros do Brasil: a *Doutrina christã. Composta pelo P. Marcos Jorge da Companhia de Iesv (...). De nouo traduzida na lingoa do Reyno do Congo, por ordem do P. Matheus Cardoso* (Lisboa, 1624); o catecismo *Gentio de Angola svfficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta fe (...). Redvsida a methodo mais breve pello Padre Antonio de Couto* (Lisboa, 1642); e do Pe. Pedro Dias, a *Arte da lingva de Angola, oeferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, mãy e senhora dos mesmos pretos* (Lisboa, 1697), obra onde é bem visível a presença da gramática latina. O compromisso entre uma regulamentação nova e a *constructio* latina deu lugar à apresentação de um conjunto de regras sintácticas do *corpus* alvaresiano, depois aplicadas à estrutura frásica do quimbundo.

- Sobre o quiriri, uma das muitas línguas indígenas do interior brasileiro menos acessível, foram publicados o *Catecismo da doutrina christã na lingua brasilica da nação kiriri* (Lisboa, 1698) e um ano depois a *Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam kiriri* (Lisboa, 1699), ambos do Pe. Luís Vincêncio de Mamiani.

No prólogo desta gramática, o Autor recorre a um típico lugar de *refutatio* para captação da benevolência do leitor: “Não duvido q faltarão algumas

propriedades mais secretas, & algũas regras mais recõditas, q̃ não se puderaõ ainda alcançar; mas parece-me q̃ nas regras geraes, q̃ aqui se apontaõ, não haverá erro. Porẽ quãdo o houvesse, não he para se estranhar em hũa língua (...) q̃ não tẽ livros, por onde se apreõda”. A inexistência de livros ou a não-gramaticalização, pecha maior que pesava sobre as línguas ameríndias, leva o Autor a seguir o modelo da estruturação das matérias em duas grandes secções de ortografia/etimologia e sintaxe/construção das oito partes da oração. Mas note-se que, embora as lições gramaticais viessem da experiência europeia, dela tirou o gramático o saber teórico necessário para deferir chancela às novidades linguísticas.

### Referências bibliográficas

- Arnould, A. e C. Lancelot, 1993 [1660]. *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal*, Genève, Slatkine Reprints [outras edições: 1969, Préface de Michel Foucault, Paris, Repuplications Paulet; 1997, Présentation de Jean-Marc Mandosio, Paris, Allia].
- Belo, Fernando, 1991. *Epistemologia do sentido*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Calafate, Pedro, 2002. “Gramática e filosofia”, Pedro Calafate (dir.) *História do pensamento filosófico português – As Luzes*, Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 233-245.
- Cardoso, Simão, 1994. *Historiografia gramatical (1500-1920)*, Anexo VII da Revista da Faculdade de Letras do Porto, Porto.
- Carvalho, J. G. Herculano de, 1984. *Pequena contribuição à história da linguística*, Coimbra, Editora Coimbra.
- Chomsky, Noam, 1969 [1966]. *La linguistique cartésienne*, trad. fr. de N. Delanoë e D. Sperber, Paris, Seuil.
- Descartes, Réne, 1990 [1637]. *Discurso do Método e Tratado das Paixões da Alma*, 16ª ed., Tradução, prefácio e notas de Newton de Macedo, Lisboa, Liv. Sá da Costa.
- Duarte, Inês, 1998. “Chomsky e Descartes: o uso estratégico de um argumento cartesiano e a fundação das ciências da cognição”, Leonel Ribeiro dos Santos, Pedro M. S. Alves, Adelino Cardoso (coord.) *Descartes, Leibniz e a Modernidade*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 547-561.
- Formigari, Lia, 1988. *Language and experience in 17 th-century british philosophy*, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Company.
- Gómez Asencio, J. J., 1981. *Gramática y categorías verbales en la tradición española (1771-1847)*, Salamanca, Ed. Universidad de Salamanca.



- Joly, André, 1977. “La linguistique cartésienne: une erreur mémorable”, André Joly e Jean Stefanini (org.) *La grammaire générale. Des modistes aux idéologues*, Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 165-199.
- Lopes, David, 1969 [1936]. *Expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, 2ª ed. revista, prefaciada e anotada por Luís de Matos, Porto, Portucalense Editora.
- Melo, D. Francisco Manuel de, 1962 [1721]. *A visita das fontes*, Apólogo dialogal terceiro, Ed. fac-similada e leitura do autógrafo (1657); introdução e comentário por Giacinto Manuppella, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Moura, J. V. Gomes de, 1823. *Noticia succinta dos monumentos da lingua latina, e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade.
- Ponce de León, Rogelio, 2002. “O Brocense na teoria gramatical portuguesa no início do século XVII”, *Línguas e Literaturas*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, II Série, Vol. XIX, Porto, pp. 491-520.
- Rivara, J. Heliodoro da Cunha, 1868. *Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborensis*, T. II, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Roboredo, Amaro de, 2002 [1619]. *Methodo grammatical para todas as linguas*, Ed. de Marina A. Kossarik, Lisboa, INCM.
- \_\_\_\_\_, 1625. *Grammatica latina. Mais breve, e facil que as publicadas até agora na qual precedem os exemplos aas regras*, Lisboa, officina de Antonio Alvarez.
- Rosier, Irène, 1983. *La grammaire spéculative des Modistes*, Lille, Presses Universitaires de Lille.
- Sánchez, Francisco, 1995 [1587]. *Minerva o De causis linguae latinae*, Introducción y edición E. Sánchez Sabor, C. Chaparro Gómez, Cáceres, Universidad de Extremadura [vd. também edição de 1976, Introducción y traducción por Fernando Riveras Cárdenas, Madrid, Ed. Cátedra].
- Springhetti, Emilio, 1960-61. “Storia e fortuna della grammatica di Emmanuele Alvares, S. J.”, *Hymanitas*, Vols. XIII-XIV, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 283-304.
- Verdelho, Telmo, 1995. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*, Aveiro, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Verney, Luís António, 1949 [1746]. *Verdadeiro método de estudar*, Edição organizada pelo Prof. António Salgado Júnior, Vol. I (Estudos linguísticos), Lisboa, Liv. Sá da Costa.
- Vieira, Antonio, 1959 [1679-1748]. *Sermões*, Vol. V, Prefaciado e revisto por Rev. Padre Gonçalves Alves, Porto, Ed. Lello & Irmão.